

ASPECTOS CULTURAIS EM UM DICIONÁRIO PARA APRENDIZES

O DICIONÁRIO É A PONTE ENTRE DUAS CULTURAS

Paola Baccin
Universidade de São Paulo
pbaccin@gmail.com

O lexicógrafo é um “arrumador” que busca pôr ordem no caos, pois o mundo é um *continuum* que cada sociedade recorta de acordo com a sua necessidade sociocultural e denomina as partes recortadas de acordo com o seu sistema linguístico. Ao lexicógrafo bilíngue cabe a tarefa de se debruçar sobre o problema da equivalência entre os nomes escolhidos em cada cultura.

A equivalência entre as unidades lexicais dos dois sistemas linguísticos pode ser realizada segundo os seguintes esquemas:

Equivalência UL1-UL2: unidade lexical da língua 1 → unidade lexical da língua 2.

Equivalência UL1-PD2: unidade lexical da língua 1 → paráfrase definitória na língua 2.

A opção pelo primeiro tipo de equivalência (UL-UL) na elaboração de um dicionário pressupõe que todos os traços semânticos da unidade lexical pertencentes à língua 1 estejam presentes, no mesmo grau, na língua 2. Esta equivalência é típica dos dicionários bilíngues.

Casa (pt.) = *casa* (It.), *house* e *home* (ing.), *maison* (fr.) etc.

Como a unidade lexical é formada por um conjunto de sememas, a equivalência desse tipo resulta, normalmente, em uma perda de traços semânticos e acréscimo de outros que não pertencem ao conjunto intersecção dos conteúdos das duas unidades lexicais.

Em português, por exemplo, temos as seguintes unidades lexicais para exprimir dois graus de parentesco diversos: *sobrinho* e *neto*. Em italiano, esses conceitos correspondem a uma única expressão: **nipote**. Essa escolha de denominação homonímica não significa que para os falantes do italiano essa diferença não seja percebida. Há uma consciência dos dois significados possíveis (de seu conjunto de sememas) para a unidade lexical.

Se considerarmos como exemplo a unidade **casa**, aparentemente fácil de ser traduzida para todos os sistemas linguísticos, após uma breve e superficial reflexão,

percebemos que, para cada comunidade linguística, a unidade lexical **casa** remete a uma realidade extralinguística específica.

A escolha do segundo tipo de equivalência (**UL1-PD2**) na elaboração lexicográfica informa ao usuário do dicionário os traços semânticos daquela unidade lexical. Típica dos dicionários monolíngues, esta tipologia permite que, por meio da definição, o usuário chegue ao referencial extralinguístico e o denomine em seu próprio idioma, consciente, porém, dos traços semânticos específicos para cada realidade.

A escolha de um dos esquemas de equivalência depende do público usuário ao qual o dicionário é destinado. No caso do dicionário para aprendizes, o lexicógrafo pode optar pelo uso dos dois modelos (princípio do dicionário semibilíngue).

Considerando que “as línguas naturais não são um decalque nem uma rotulação da realidade”, e que “elas delimitam aspectos de experiências vividas por cada povo, e estas experiências, como as línguas, não coincidem, necessariamente, de uma região para outra (...)” (LOPES, 2000, p. XX), além de definirmos os padrões fonéticos, gráficos e morfológicos (**plano da expressão**) de cada língua, devemos considerar as variedades em nível de norma: os valores e os aspectos sociais, econômicos, familiares e culturais em cada uma das comunidades analisadas.

O dicionário pedagógico com vistas à produção tem duas funções primordiais que devem receber um tratamento adequado, de forma que uma não prejudique a outra:

1. Responder de forma imediata às dúvidas de léxico durante a produção textual. A consulta ao dicionário deve preencher imediatamente essas lacunas, de forma a não prejudicar o fluxo do pensamento.

2. Fornecer informações lexicográficas complementares para ajudar o aluno-consulente na escolha do equivalente mais adequado. O aluno poderá encontrar subsídios para pesquisa e ampliação do léxico.

O léxico não é neutro, além dos sememas específicos, aqueles que distinguem contextualmente as unidades lexicais, há os sememas virtuais (POTTIER, 1974, p. XX). Ao dizer *mesa, casa, dinheiro, amor, pai, mãe, mulher, homem, morte* nas diferentes línguas, devemos considerar, também, os sememas conotativos no momento da produção textual. O dicionário pedagógico pode ser a ponte entre as duas culturas ao contemplar, nos verbetes, informações de caráter cultural.

Mauro de Salles Villar, afirma que:

Ficou claro, também, que era um erro o que vinham fazendo os lexicógrafos, vale dizer, trabalhar na descrição das unidades léxicas como se estas apresentassem sentidos constantes, partilhados por todos os falantes. Na verdade as relações de sentido nas línguas não são nem estáveis nem predizíveis, não havendo, mesmo, maneira de saber como cada um de nós lida com os significados e como os representa internamente. (VILLAR, 2011, p. XX).

A equivalência, por exemplo, entre *casa* (português) e *casa* (italiano) está no sema: *moradia*. No entanto, as soluções de moradia de cada cultura diferem, desde o aspecto da habitação, a quantidade e a utilidade de cada cômodo até a quantidade e escolha dos móveis e utensílios.

Ao descobrir essas diferenças apenas no momento de inserção no outro país (por motivo de turismo, de estudo, de trabalho), o aluno pode não apenas constatar que elas existem, mas despertar estranhamento e criar barreiras na comunicação e na aceitação dessas diferenças.

A competência comunicativa intercultural, considerada um modelo complexo que deriva da comparação de no mínimo duas línguas e culturas com o objetivo de permitir a interação entre ambas (BALBONI, 2006, p. 7), permite que se estabeleça um diálogo entre as duas culturas. O aluno-consultante de um dicionário que contemple aspectos interculturais terá acesso aos dados sobre a outra cultura, e poderá compreender que as duas realidades são apenas diferentes, nem superiores, nem inferiores uma à outra.

A alta cultura e a cultura popular sempre tiveram seu espaço, sempre foram contempladas nos cursos de língua italiana. Muitos cursos se denominam *Cursos de língua e cultura* italianas. Alguns aspectos da *cultura cotidiana* são explorados nas aulas de língua e nos livros didáticos, como por exemplo, o ritual de tomar café e os tipos de café existentes na cultura italiana. Alguns livros já apresentam unidades didáticas nas quais se informa que apenas turistas tomam *cappuccino* à tarde ou à noite. Para o transporte público, os alunos são informados que não se pode subir nos ônibus sem o bilhete que é vendido nas tabacarias. Os livros didáticos apresentam, também, como são as refeições dos italianos e que estas compreendem um *primo* e um *secondo piatto*.

No entanto, grande parte de aspectos da cultura do dia-a-dia é considerada subentendida. Alguns desses aspectos poderiam acentuar diferenças que geram conflito ou estereótipos, como, por exemplo, a questão da higiene pessoal, o modo de limpar a casa, de lavar a roupa, de cuidar dos mortos. Outros são aspectos que se tornam aparentes apenas quando colocados em confronto, ou seja, apenas quando contrastados com hábitos culturais brasileiros são entendidos como peculiares. No campo semântico da habitação observam-se diferenças bastante acentuadas, por exemplo, quanto ao uso do ralo, do rodo, do tanque de lavar roupas, do local para estender as roupas, ou ainda a divisão dos cômodos da casa, a presença ou não de porteiros em edifícios, o pagamento de taxa de condomínio, a presença da laje e a tipologia das casas italianas em confronto com as casas brasileiras.

Em nossos estudos, descobrimos que há recursos que podem ser inseridos em um dicionário pedagógico e que permitem o estabelecimento desse diálogo. No caso do campo semântico da habitação, podemos recorrer ao uso de imagens, vídeos e exemplos autênticos, recursos que completam a definição e que contemplam traços distintivos funcionais cuja descrição seria muito difícil. Por fim, podemos incluir

depoimentos de italianos que vivem no Brasil que, ao falar sobre a casa brasileira, revelam ao aluno brasileiro as características da casa italiana.

Vejamos alguns exemplos de estranhamento percebidos em relação à casa brasileira nos depoimentos de alguns informantes:

1. Sobre a própria denominação:

Per quanto mi riguarda, casa è un termine strano da usare in Brasile, perchè ogni volta che lo dici in italiano i brasiliani ti chiedono sempre se parli di casa o di appartamento, mentre tu volevi indicare semplicemente il luogo dove abiti o la tua "home", il tuo "lar". (Informante 1).

La denominazione: qui si fa una netta distinzione fra 'casa' e 'appartamento', proprio per indicare due tipologie diverse di abitazione. In Italia no, 'casa' è il luogo in cui si vive, sia esso una villa lussuosa, una casetta in campagna, un appartamento più o meno striminzito in un palazzo del centro o in periferia. Mi faceva tanto ridere quando le persone ci chiedevano se abitavamo 'em casa' o 'em appartamento'... e ora sono io che lo chiedo alle persone!. (Informante 2).

2. Sobre a quantidade e tipologia de cômodos:

Parlando di appartamenti, la diversità che un italiano nota subito nella pianta è l'eterna presenza del "quarto da empregada". Come italiana non abituata alla domestica, io lo detesto: non so cosa farmene, perchè è in spazi poco utili per gli usi alternativi a cui potrei adibirlo, e mi fa perdere spazio e luce (...). Quello che invece assurdamente manca, dal punto di vista italiano, sono la cantina e il ripostiglio. Non si capisce mai bene dove i brasiliani mettano le cose di troppo o quelle che non stanno nell'armadio. Cucina, solaio e ripostiglio sono anche categorie mentali. (Informante 1).

La presenza in quasi tutti gli appartamenti (ma anche nelle case vere e proprie, cioè quelle normalmente provviste di un cortiletto interno o addirittura di un giardino) della cosiddetta "área de serviço", in genere inesistente nelle case italiane (salvo in quelle più vecchie, grandi e signorili, dove si chiama "lavanderia"), dove le cose di servizio (scope, aspiravolvere, prodotti di pulizia ecc.) sono distribuite fra armadi a muro, ripostigli, sgabuzzini, terrazze ecc.; e le dimensioni ridicole del cosiddetto "quarto da empregada", cioè della stanza della domestica, e del relativo bagno, che spesso non avevano nemmeno la finestra! (Informante 2).

3. Sobre a utilização dos cômodos:

(...) la distinzione tra bagno sociale e bagno privato. Io personalmente non vedo il bagno come qualcosa di privato che non posso condividere con gli ospiti, visto che quello che ci faccio è impersonale, come lavarmi e andare al gabinetto. (Informante 1).

(...) che alla cucina sia annesso lo spazio di servizio dove si lava, con il risultato assurdo che negli appartamenti – visto che non si può stendere fuori perchè è fa “cortiço” ed è vergognosamente popolare – ci si ritrova a dover fare praticamente in cucina attività che io associo al bagno. (Informante 2).

Consideramos que a construção da competência comunicativa intercultural exige cooperação, ou seja, afirmamos com Balboni (2006, p. XX) que “não se ensina a CCIC, ensina-se a observar a CCIC”. O dicionário pedagógico pode auxiliar o aluno a observar a cultura do outro, e a confrontá-la com a sua própria e, nesse exercício, ajudá-lo a perceber que a cultura não pressupõe a distinção entre o “certo” e o “errado”, entre o “adequado” e o “inadequado” entre o “aceitável” e o “não-aceitável”, entre a “melhor” e a “pior” solução, mas cada sociedade escolhe apenas soluções “diferentes”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALBONI, Paolo. **La competência comunicativa intercultural: um model**. Perugia: Guerra, 2006.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- POTTIER, Bernard. **Linguistique générale: théorie et description**. Paris: Klincksieck, 1974.
- VILLAR, Mauro de Salles. O trabalho do dicionarista. In: XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie (orgs.). **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola, 2011.